



Até finais do séc. XIX, Cascais nunca foi mais do que uma simples vila, com modestas construções religiosas ou particulares, e largamente ignorada pela Corte e pela nobreza lisboeta. No entanto, após o terramoto de 1755, a costa do Tejo a oeste de Lisboa começou a tornar-se popular, em parte devido ao facto de ter escapado aos piores efeitos do terramoto. O palácio da Ajuda foi construído em Belém, Marquês de Pombal construiu o seu próprio palácio em Oeiras, e assim os limites ocidentais de Lisboa começaram a arrastar-se para Cascais.

Com o crescimento da cidade de Lisboa assim como o desenvolvimento dos transportes urbanos e a vulgarização do banho de mar, a sociedade lisboeta começou a expandir-se para novas praias mais distantes da capital. A começar por Belém - sítio onde se ancorava a barca real - seguindo-se Pedrouços - considerada a primeira praia aristocrática dos arredores da capital - Algés, Dafundo, Cruz Quebrada, Caxias e por fim, Paço de Arcos - sendo esta última considerada, em 1870 "a rainha das praias do Tejo" favorita por figuras ilustres da altura.

Fugindo a esta continuidade geográfica, o próximo passo para a expansão de praias partindo da capital do país seria naturalmente uma vila obscura, de carácter marítimo burgo-piscatório decadente, denominada por Cascais. Esta seria palco para um conjunto de novas estâncias balneares de maior importância da região de Lisboa e consequentemente o centro do cosmopolitismo snob.

Foi em 1870, após o rei D. Luís I, decidir escolher a vila para passar o fim desse verão e satisfazer as suas necessidades e paixões pela marinharia. As instalações militares foram sumariamente adaptadas à nova função de paço real onde a família real iria então passar a habitar dois meses por ano. Todos os parasitas reais, os nobres, a alta sociedade e a classe média-alta logo o seguiram, e construíram as suas residências de verão à beira-mar. Muitas eram moradias bastante grandiosas, e os núcleos desses "palacetes" ainda permanecem imponentes no litoral.

Esta preferência real foi responsável pela súbita importância que a vila herdou, ao receber os favores da corte e da aristocracia.

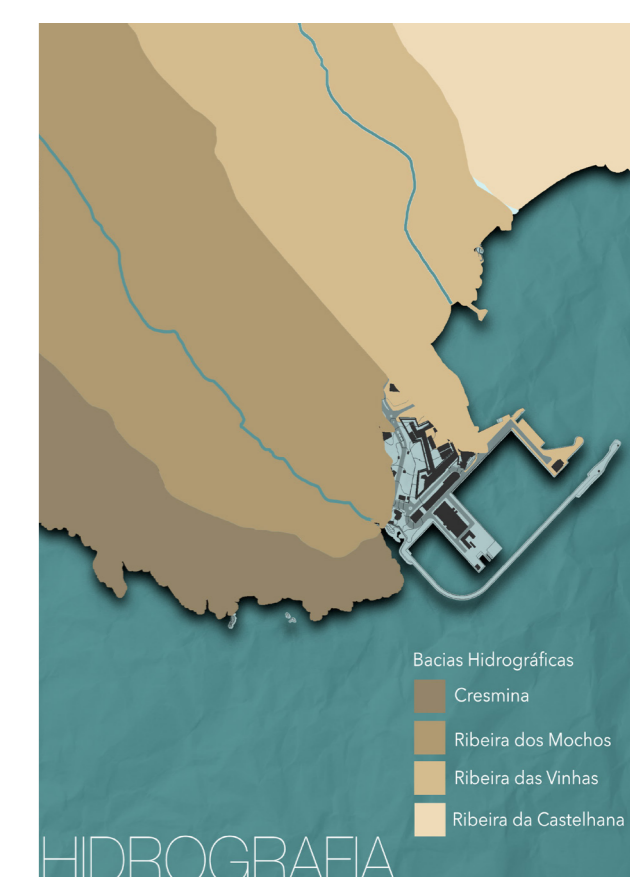
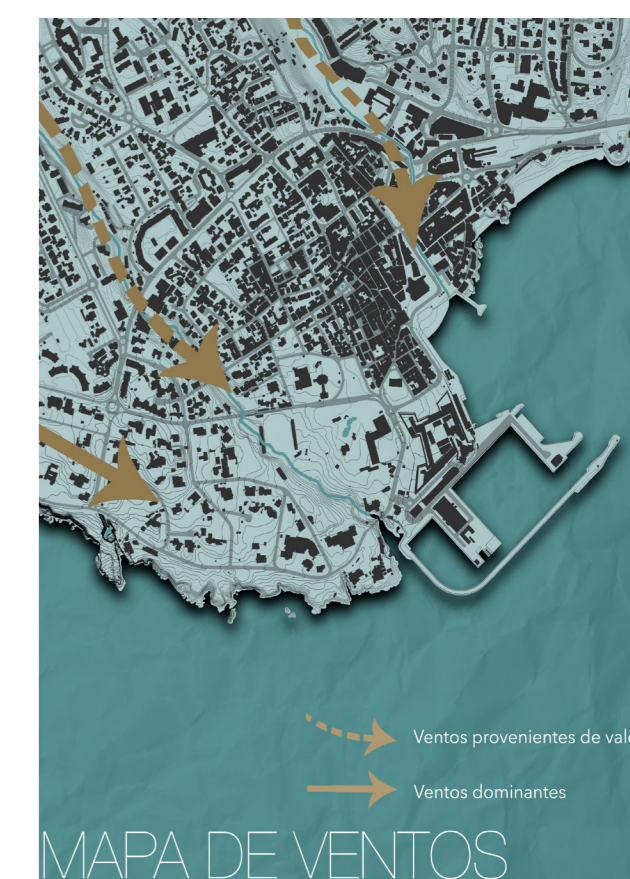
FACULDADE DE MEDICINA DE CASCAIS

Feita de Memórias

Luis Pedro de Almeida Guerreiro
(Licenciado)

Teresa Marat-Mendes
(Orientadora Científica)

José Luís Saldanha
(Co-Orientador Científico)

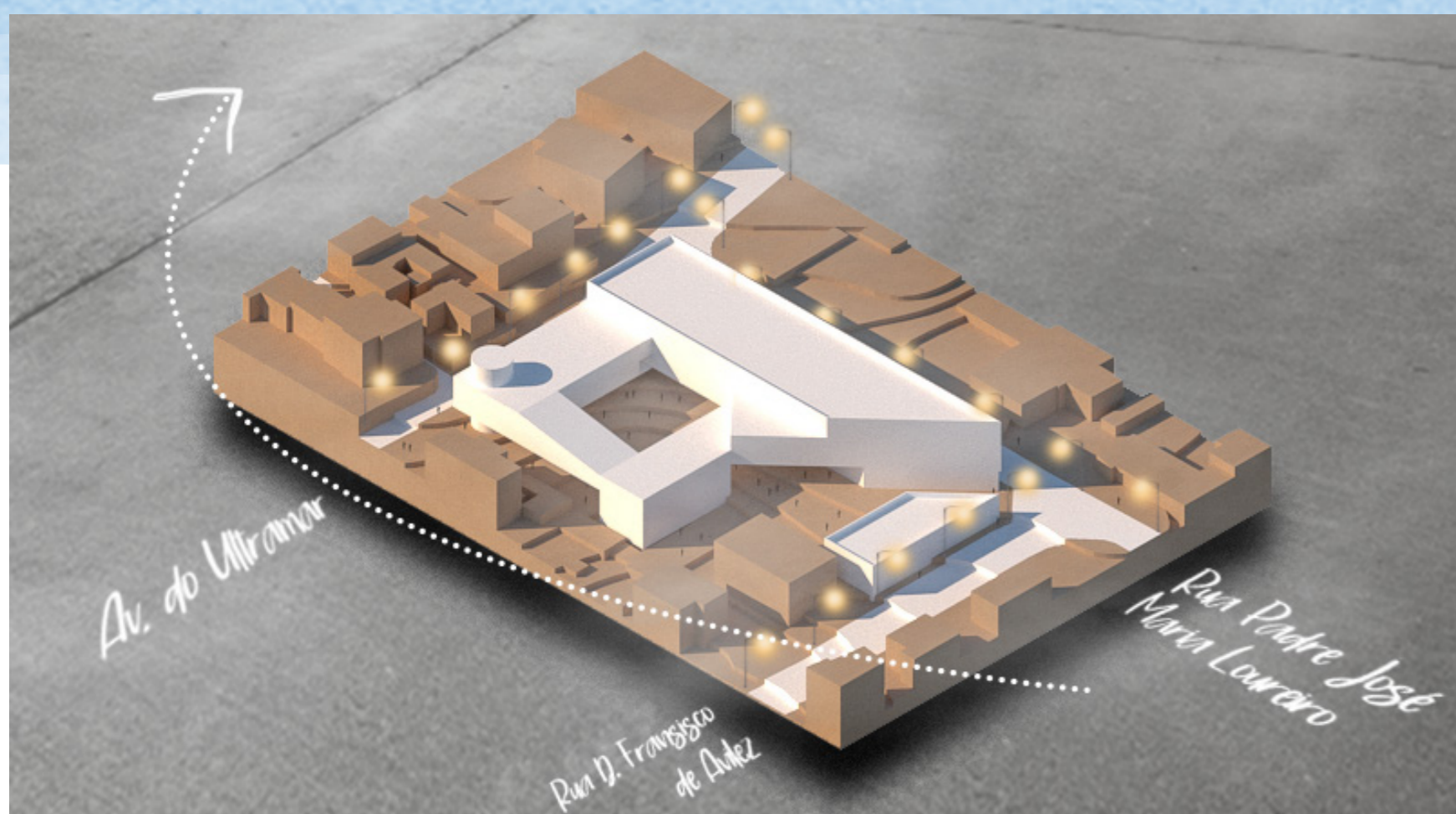


A vila de Cascais conta com 213 mil habitantes dos quais cerca de um terço são jovens. O elevado número de jovens conferiu o título de capital europeia da juventude em 2018. O grande número de estudantes residentes em Cascais é fortemente apoiado por instituições de ensino a nível básico e secundário porém existe uma grande escassez no ensino superior para apoiar as ambições dos jovens residentes. Apenas 3 instituições leccionam em Cascais, nomeadamente, a NOVA School of Business and Economics em Carcavelos, a Escola Superior de Saúde de Alcoitão e a escola superior de hotelaria e turismo no Estoril. É necessário que os jovens percorram uma distância de cerca de 30km que demora, nas horas horas de ponta sensivelmente uma hora e trinta minutos a percorrer tanto de transportes como de carro, devido à forte afluência de condutores residentes no concelho e estudam ou trabalham em Lisboa.

Com o crescimento de Cascais e de forma a tornar o Concelho mais autónomo, o presidente da CMC Carlos Carreiras, aprova a intenção de erguer a nova faculdade de Medicina de Cascais, juntamente com a instituição Católica, no terreno do antigo hospital que serviu cascais desde 1940, o hospital Condes Castro Guimarães, respetivamente, na zona central e histórica. Procedeu-se à demolição do edifício e foi então que a Católica desistiu do processo deixando Cascais com a expectativa e o desejo, ainda por realizar de ver nascer a nova Faculdade de Medicina de Cascais.



Acompanhando a intenção do Presidente da CMC o terreno do antigo Hospital condes Castro Guimarães reúne todas as condições necessárias para receber a nova faculdade de medicina de Cascais. O terreno que ocupa metade dum quarteirão partilhado com o edifício dos CTT Cascais, e a loja do cidadão. Num raio de 200 metros, os estudantes, docentes e funcionários do espaço poderão usufruir de diversos serviços tais como restauração mercado, papelaria, bancos etc. Dentro da zona histórica e numa envolvente alcançável até 10min de carro, as residências são abundantes. Neste espaço, seriam leccionadas aulas práticas em conjunto com o Hospital de Cascais em Alcibideche onde seriam leccionadas aulas teóricas.



Maquete de estudo do volume

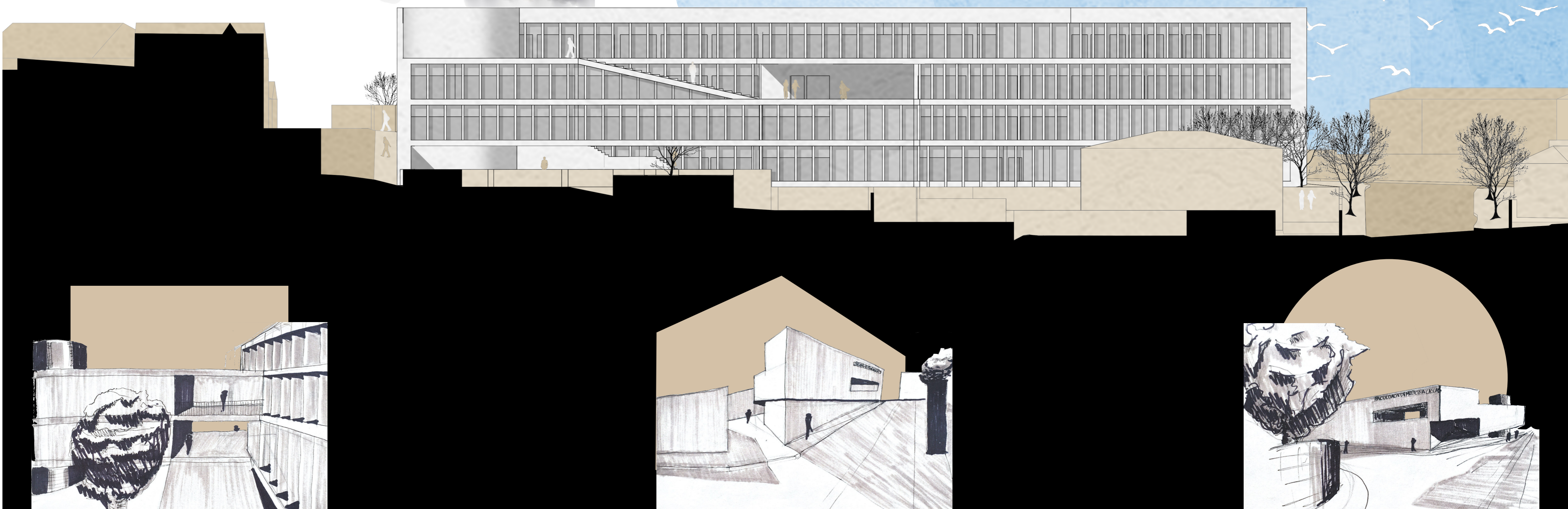
Rua Dom Francisco de Avilez

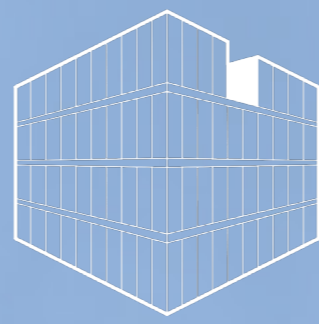


Avenida do Ultramar



Rua Padre José Maria Loureiro





Feita de Memórias.

Aqui, assente na zona histórica de Cascais,
Rodeado das mais antigas raízes cascaenses
E neste terreno ligado à medicina que outrora serviu esta Vila,
Nasce a FMC.

Aqui, será a casa de muitos estudantes e trabalhadores ao longo de vários anos.
Nela, serão criadas memórias
Que estarão presentes ao longo de toda a vida de quem aqui passou.

As suas janelas, a Norte, irão emoldurar o olhar desafogado,
Que atravessa todas as espécies de fauna presentes em Cascais,
Vales e construções até à Serra de Sintra
E, a Sul, guiarão o olhar até ao fim do vasto horizonte sobre o Oceano Atlântico,
Que se alcança além da Margem Sul do Rio Tejo.

As suas palas verticais e horizontais,
Iráo guiar em todas as fachadas,
A luz vinda do nosso sol para o interior
E assim iluminarão os cadernos, quadros e bancadas dos laboratórios
Dia após dia,
Do crepúsculo do amanhecer até ao do anoitecer.

As suas paredes, protegerão o seu interior como todo o quarteirão
Contra a forte Nortada, que de vez em quando, a Serra faz descer
E guardarão segredos
Que, de entre elas, já mais saíram.

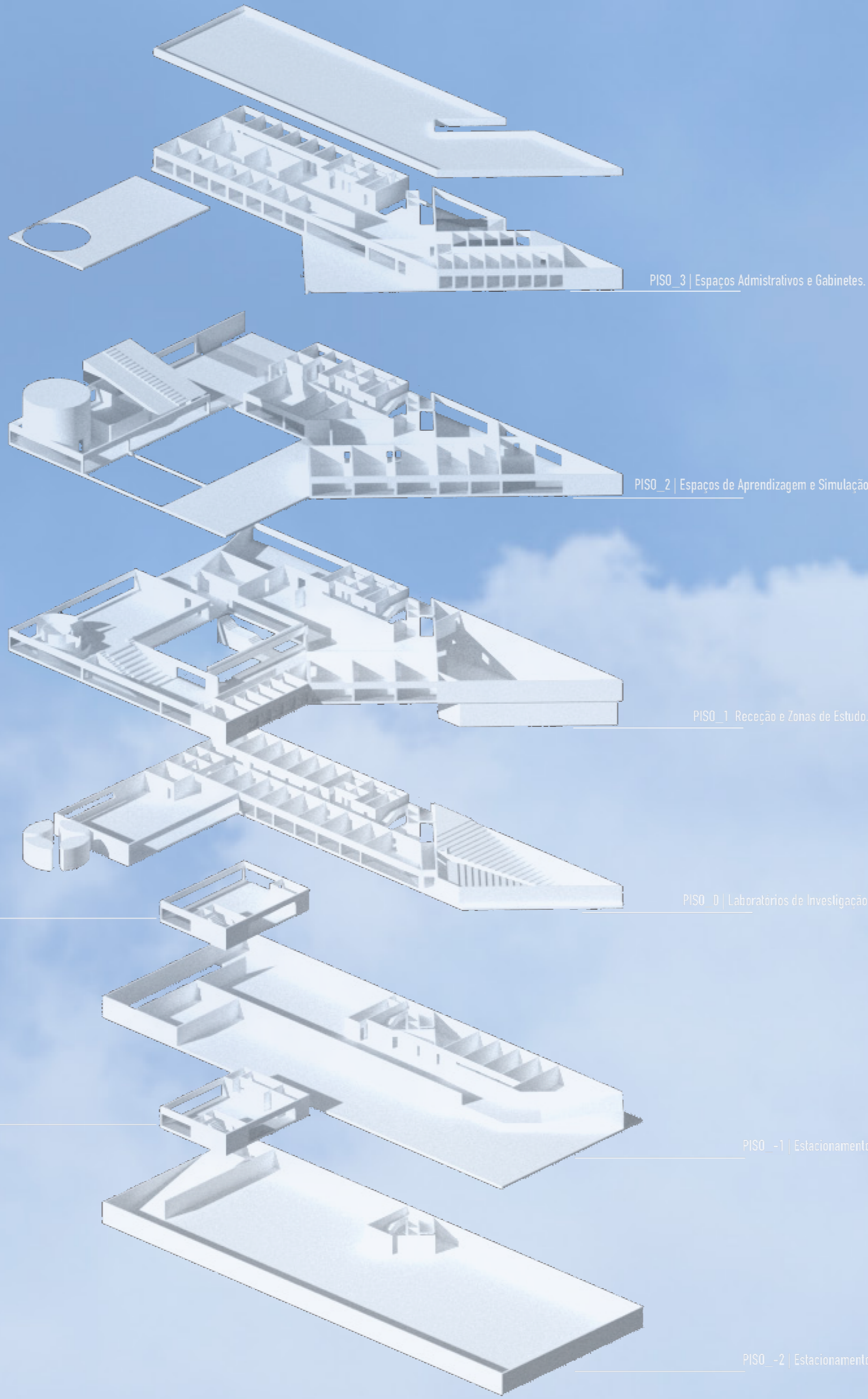
A sua cobertura, a Sul, irá ser palco de inúmeras visitas
Que irão garantir atividades em contacto com o ar livre
Banhadas pela luz solar e pelos ricos benefícios da maresia
Assim como, protegerá o seu interior
Das chuvas que de vez em quando caem.

As suas portas se abrirão
À entrada dos jovens curiosos e ambiciosos na área da medicina,
Como também à saída de Doutores e Doutoradas aqui, recém-formados.

A FMC ditará um dos capítulos mais importantes na vida de muitos.
Aqui, criam-se amizades para a vida,
Histórias de amor, experiências que moldam personalidades
E ensinamentos que salvarão vidas.

Aqui, se criaram memórias
Nesta Faculdade de Medicina em Cascais,
Ela mesmo,
Feita de Memórias.





Memória descritiva

A ideia do projeto sustenta-se na intenção de implementar o edifício da faculdade de medicina de Cascais no terreno onde outrora o antigo hospital de Cascais condes Castro guinares serviu a vila, de maneira a que o volume que alberga o programa enquadre-se na zona histórica recorrendo a alinhamentos longitudinais e altimétricos com os edifícios nomeadamente residências presentes na envolvente, assim como a parcial permeabilização e utilização do lote.

O ponto fulcral na intenção da criação deste projeto passa não só por fazer uma união entre o programa definido para os utilizadores da faculdade, nomeadamente estudantes, docentes, investigadores e trabalhadores diversos, como também relacionar os residentes da envolvente histórica de Cascais com o terreno, proporcionando um atravessamento através do lote, sem a necessidade de recorrer ao interior no edifício. Une-se assim, através destas ligações que atravessam a praça os 4 cantos do terreno, que se situam a cotas diferentes, acompanhado o declive deste em direção ao mar.

O mar é visível da perspectiva do peão que desce a avenida do ultramar, e a faculdade enfatiza essa visão emoldurando a paisagem através do volume, conseguido com um buraco que atravessa a fachada e da lugar a um espaço exterior comum de lazer no 2º piso. Esta solução parte não só de contrariar a sensação de barreira visual que o antigo edifício proporcionava mas também da intenção de estabelecer uma ligação entre a arquitetura e a natureza com uma ligação visual que ultrapassa toda a zona sul de Cascais, até ao mar.

Todo o edifício abraça o terreno a um cota suspensa tocando no solo em apenas três pontos. Desta maneira gera-se a existência de duas praças a cotas diferentes. Uma no centro outra adjacente no lado este. Com o propósito de circulação pedonal de atravessamento do quarteirão e acessos a diferentes espaços da faculdade: entrada principal, entrada da biblioteca, entrada secundária do auditório, entrada do refeitório e estacionamento subterrâneo. A circulação pedonal divide-se ao nível público e privado sendo que o público faz-se ao nível da rua destinado a qualquer pessoa utilizadora da faculdade ou não e o privado sob a cobertura do volume mais a sul que atravessa dois pisos e o seu acesso é através da varanda comum do piso 2 destinado às salas de aula teóricas.

A cota mais alta do volume situa-se a norte com a intenção de cortar o vento para as praças no centro do terreno, o restante volume desenrola-se numa peça única continua que percorre os pisos todos e descende juntamente com as cotas do terreno em direção ao mar que se situa a sul. Desta forma, o vento dominante proveniente de norte é cortado e a recepção de luz solar no interior do edifício e praças é aproveitada ao máximo. A iluminação natural é ainda conduzida para os espaços interiores através da pele presente das fachadas composta por palas verticais e horizontais semelhantes a solução do quebra sol utilizado por Le Corbusier no edifício do ministério, no Rio de Janeiro. Estas palas de coloração branca com rotações fixas previamente determinadas abrem-se frontal mente para a iluminação natural proveniente de sul e são capazes de refletir luz difusa para as salas de aula e restantes espaços com vãos nas fachadas a este. A faculdade tem um total de 5 pisos que se nomeiam desde o -2 até ao 3 como: estacionamento, estacionamento e salas de manutenção, laboratórios de investigação, recepção e zonas de estudo, salas de aula teóricas, administração.



